

# A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Rедакtor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.710

Domingo, 22 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração, Tipografia  
Caçada de Cimbro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—rua da Atalaia, 111 e 111

Milhares de pessoas vieram ontem  
aclamar A BATALHA como único  
jornal que defende os interesses po-  
pulares e combate todos os tiranos  
e exploradores!

ACUSAMOS! ACUSAMOS! ACUSAMOS!

## PELO PVO, CONTRA TODOS OS LADROES!

Ou o sr. Sá Cardoso é parvo, e não comprehendeu que o convidaram a entrar para uma companhia desonesta a fim do seu nome servir de capa a todos os roubos e imoralidades—ou é inteligente, e aceitou o cargo de administrador dessa companhia que roubou, no intuito de pactuar com o crime e colher-lhe os frutos

**Se é parvo, deve manter a sua demissão... porque a sua imbecilidade deslustraria os seus colegas; se é desonesto, maior razão para manter a sua primeira atitude, porque os códigos não exigem, por enquanto, a desonestidade como fundamental facultade para ser ministro**

**Ecolha o sr. Sá Cardoso: quere que lhe passemos um atestado de estupidez para salvarmos a sua honra**

**--- OU UM ATESTADO DE HONESTIDADE PARA CONFIRMARMOS A SUA ESTUPIDEZ?**

Antes de mais nada, uma declaração categórica, firme, inabalável: não retiramos uma única palavra das acusações precisas que fizemos contra a Companhia Geral de Cal e Cimentos, da qual foi administrador o sr. Sá Cardoso.

O que dissemos é a expressão da verdade. Não tememos que nos chamem aos tribunais, antes nos regozijamos, porque esse facto nos daria ensejo para mais uma vez afirmarmos, publicamente aquilo que ministros republicanos calam e encobrem!

Não pudemos ontem, por absoluta falta de espaço, analisar com vagar, a triste defesa do sr. Sá Cardoso, sua defesa que em vez de ilibá-lo de culpas mais ou menos em lama ante os olhos assombrados do país. Comentaremos hoje esse discurso inábil do ministro do Interior.

\*\*\*

Grantimos-lhes, leitores, que não procederemos mais a procederem anteontem os senadores no parlamento. Depois de fazermos acusações concisas e ouvidas as explicações do sr. Sá Cardoso, que não explicavam nada, não vamos querer elegios à honorabilidade dum homem público que fez parte dumha companhia — de próprio o confessou — que não tem a sua escrita em mãos.

Não afirmamos, nunca afirmámos, que o sr. Sá Cardoso roubava. Mas não é preciso ter-se roubado para ser desonesto. Basta pactuar-se com indivíduos ou instituições pouco limpas para que a lama nos atinja também.

A maneira como o sr. Sá Cardoso se defendeu é curiosa e só nos admira que os senadores se dessem satisfeitos com ela.

Perguntou ingenuamente o sr. Sá Cardoso se não poderia fazer parte dumha companhia. Ninguém lhe respondeu, no parlamento; responderemos nós quanto a opinião pública, que é o único e verdadeiro julgamento:

**Não! Os homens públicos não podem, não devem fazer parte de companhias ou empresas exploradoras!**

Mesmo que essas companhias não tivessem negócios euros, quem nos daria garantias da imparcialidade dum ministro ou dum deputado que a elas tivessem interesses ligados?

Mas falemos claramente, não nos preocupemos com menores e vamos desde já ao fundo da questão. Anos de meados de Fevereiro de 1923, o sr. Sá Cardoso um simples coronel que já fôrba ministro e presidente da câmara, mas não possuía uma única ação, tinha a menor interferência na Companhia Geral de Cal e Cimentos.

De súbito, convidam-no a exercer o cargo de administrador da companhia. E o sr. Sá Cardoso que não

era accionista da companhia, aceitou, sem desconfiar que esse convite ocultava apenas o intuito do sr. Baltazar Cabral, o mandão da companhia, abusar do nome e do prestígio dum político conhecido, para à sombra dele fazer falcatrás que se deram depois do sr. Sá Cardoso ter entrado, e encobrir as que haviam feito antes de ter entrado.

Alegou o ministro do Interior, na sua defesa, ignorância absoluta das tranqüilinhas da Cal e Cimentos, e fingiu estar metido no assunto como Pilatos no Credo. Essa tangente, porém, só consegue enganar os que são parvos ou os que por conveniência se fingem crédulos, porque as pessoas inteligentes só podem tirar esta conclusão:

O sr. Sá Cardoso era absolutamente estúpido, para aceitar sem desconfiança um lugar de administrador—a que não tinha direito, não vendo portanto o plano imoral a que esse convite obedecia—ou era tan desvergonhado como o Baltazar Cabral e dispunha-se, mediante o ordenado de mil e cem escudos e esperanças de mais ganhos, a sancionar com o seu nome todas as desonestades dumha companhia duvidosa.

O sr. Sá Cardoso só pode escolher duas situações perante a opinião pública, a que o apresenta como imbecil ou a que o mostra como desonesto.

Se é imbecil, deve manter o seu pedido de demissão porque a imbecilidade não pode dar ao parlamento garantia dum bom exercício de funções ministeriais; se é desonesto deve manter da mesma forma o seu pedido de demissão, porque — embora para lá caminhemos — ainda não foi fixada nos códigos a desonestidade, como atributo basilar para se ser ministro.

\*\*\*

Não sabemos se o sr. Sá Cardoso quer que lhe passemos um atestado de estupidez para salvar a sua honra, ou um atestado de desonestade para salvarmos a sua estupidez.

Não podemos admitir que um indivíduo, ao entrar para uma companhia a fim de nela exercer o cargo importante de administrador, não trate de inquirir da conduta dessa companhia. Se o não fizer, não pode cumprir com competência a sua missão de administrador; se o fizer, torna-se cúmplice dos actos condenáveis praticados anteriormente.

Foi o que adonteceu com o sr. Sá Cardoso. Não acreditamos, entretanto, que o sr. ministro do Interior desconhecesse que a companhia havia defraudado o Estado. Fazendo parte desta tinha todo o interesse—interesse material, é claro—em que a companhia lesasse o Estado. Quanto mais a companhia roubasse maior seria o dividendo—e o sr. Sá Cardoso passou a ser interessado no roubo, desde que aceitou as ações que o sr. Manuel Vicente Ribeiro lhe emprestou.

Afirmou ainda o sr. Sá Cardoso, na sua defesa, que a voraz carestia da vida impõe os homens a procurar maneiras de debelá-la e que por esse motivo aceitara o referido lugar. Como estas palavras são ridículas quando preferidas por um ministro da república, admitemos

nistrador duma companhia feroz que mando a guarda republicana rovar os seus operários por estes reclamarem mais pão! Então, o sr. Sá Cardoso, reconhecendo para si a carestia da vida, vai participar duma empresa que recusa aos seus operários o direito de viverem melhor?

\*\*\*

O mais grave, o mais revoltante foi o elogio que o sr. Sá Cardoso passou não só a companhia como aos srs. Baltazar Cabral e Baptista Coelho.

O sr. Sá Cardoso tinha a sua honorabilidade em jogo. Para desfazer do espírito dos senadores as suspeitas que os preocupavam, deveria escolher uma atitude correcta, provar que não se solidarizava com individuos que só se metem em negócios escuros.

Mas não. O sr. Sá Cardoso passou, em pleno parlamento, um atestado de honestidade ao sr. Baltazar Cabral, principal accionista da Companhia dos Tabacos, que roubou ao Estado mais de 25.000 contos.

O sr. Sá Cardoso chamou honesto ao sr. Baltazar Cabral que entrou em 1918 com 38 contos para a companhia da Rasca e, mercê das falcatrás que já apontamos, levantou em 1923 de lucros 213.480\$00.

O sr. Sá Cardoso apresentou como honesto o sr. Baltazar Cabral, principal accionista da Companhia dos Diamantes que está sendo combatida por desonestades cometidas.

O sr. Sá Cardoso considerou honesto o sr. Baltazar Cabral que faz parte da grande Companhia do Nyassa, cuja conduta não goza da melhor fama.

O sr. Sá Cardoso apontou como honesto o sr. Baltazar Cabral, sócio do Rugeroni no célebre caso da duplação em recebimento, que originou a prisão deste último.

Sá Cardoso solidarizou-se com um dos maiores responsáveis da ruína do país!

\*\*\*

Foi a este homem, foi ao sr. Sá Cardoso sócio duma companhia desonesta, defensor dum *maître chanteur* que o Senado passou anteontem um atestado de bom comportamento...

Foi a este homem que o sr. Alvaro de Castro, protector da Moagem, pediu que não se demitisse para, segundo afirmou, não dar uma satisfação à Batalha.

Foi este homem que depois de ter sido a única atitude correcta, pedindo a demissão, que desmanchou essa atitude aceitando continuar no exercício das suas funções.

\*\*\*

Do sr. António Dias Branco, jornalista que anteontem foi apontado pelo sr. Sá Cardoso no parlamento,

facto a que nos referimos, recebemos a seguinte carta que passamos a publicar:

Sr. Redactor—No relato que A Batalha produziu ontem acerca de que se passou no Senado, faz-se-me um convite para prestar esclarecimentos públicos sobre o assunto. Não me nego a prestar esses esclarecimentos. Porém, reservo-me para melhor oportunidade e não a demora das muitas palavras que irá prejudicar a averiguação do que se passa na Companhia Geral de Cal e Cimentos. Este espaço de tempo que peço me concedam não representa uma cobardia da minha parte, mas um desejo de deixar amadurecer bem este caso. A semelhança do que se faz com um abcesso [mal]igno, sr. redactor, ao qual é absolutamente forçoso aplicar o escalfado e o cauterel, urge aguardar a sua maturação para que a sua cura seja radical e proveitosa. Em momento azido surgirá esse baile diabólico dos algarismos que falam com gente e fornecerá prova mais do que suficiente para se verificar a verdadeira causa da desgraça deste país, onde tanto desgraçado morre de fome e tanto potente enriquece no curto prazo de meses. Mas, sr. redactor, ia-me desviando da directriz que tracei ao escrever esta carta, entrando em minudências, que eu por enquanto entendo dever calar.

Entretanto, dois pontos há que desejo já confirmar: 1.º O que A Batalha disse no seu número que originou a sessão tumultuosa do Senado é absolutamente verdadeiro. 2.º Os esclarecimentos que o sr. ministro do interior presou no Senado, quando interrogado sobre este assunto são igualmente verdadeiros.

Devo, sr. redactor, esta explicação ao país e à mídia consciência, porquanto embora, como v. frisou no seu jornal, não seja eu o inspirador dos seus artigos, o que é certo é que A Batalha, a questão nos seus devidos termos. Uma vez que o sr. ministro do interior me apontou no Senado, onde eu não tinha voz nem me podia defender, devo declarar peremptoriamente o seguinte: o principal motivo que me leva neste momento a não fazer declarações públicas, é o não saber se o sr. ministro do interior me deseja para testemunha de acusação ou de defesa.

Não suponho A Batalha que está tratando deste caso aérea, porquanto, como jornal do povo e para o povo, baluarte dos que trabalham e sofrerem, reduzido dos que pugnam e lutam pelo mal amassado, pão de cada dia, soube encontrar a verdadeira fonte do mal. E' ali que está o inimigo.

Agradecendo a lealdade das vossas declarações, subscrevo-me, etc.—António Dias Branco.

Se bem que a carta nos satisfaça em parte, por confirmar plenamente as acusações formuladas pela Batalha, pontos há, porém, que nos não agradam.

Não compreendemos bem o motivo porque considerando o sr. Dias Branco, verdadeiras as palavras de A Batalha, acha ao mesmo tempo exactos os esclarecimentos do ministro do Interior.

Sendo verdadeiras as nossas acusações, são fróxas as defezas do sr. Sá Cardoso. Não acusamos este de roubar, porque a maioria dos escândalos (excepto o segundo empréstimo, o que é grave, que ele negociou na Caixa Geral dos Depósitos) se produziram antes da sua entrada para a companhia. Acusamos, porém, o sr. Sá Cardoso de não ter pejo de entrar para essa companhia de gatunos, ombreando com homens provadamente desonestos que defende, enlaçando-se assim da mesma lama e tornando-se responsável dos mesmos crimes.

Esfum, esperamos que o sr. Dias Branco não demore muito os seus esclarecimentos. E até lá vamo-nos servindo da prata da casa que é valiosa.

## GAZETILHA

Vamos juntar na vorsagem  
Da burla fiduciária  
A' mercê da ladração  
Audaciosa e milionária  
Deste país da moagem

Dona dos grandes jorna  
Tem-se de tudo aposada.  
Vão-se os bairros sociais  
Com os Transportes do Estado,  
Empreitados nacionais.

Exposição Rio de Janeiro  
Grande miúncio faceio;  
Museu Regional d'Aveiro,  
Expropriação do Lázaro, etc.  
Deram rios de dinheiro.

O chefe dessa quadrilha  
Poz uns cinquenta milhões  
Ao alcance da matilha,  
Regalando os figurões  
Do olho vê e mão pitila.

Quanto têm laranjado  
Os bandidos da finança  
Tudo está depositado  
Na Inglaterra e na Fran  
Quando o resto irá levado.

Pôrto.

A. S. de BAPRO

## Ladrões e roubados

Enquanto os gatunos de casaca passeiam livremente,  
as suas vítimas respiram o ar coado pelas grades dum presídio

Não se prendem os que fazem grandes especulações com cambiais, não se prendem os causadores da vida cara.

Andam em liberdade os autores, os grandes esbanjadores, dos formidáveis escândalos dos T. M. E., da viagem do vapor "Porto", da Exposição do Rio de Janeiro, da importação do arroz espanhol, do extinto Ministério dos Abastecimentos, etc., etc.

Têm assento no parlamento o sr. Aníbal Lúcio de Azevedo sobre quem impõe a acusação gravíssima da cumprida na escravidão negocial dos 60 milhões de discos quando desempenhou as funções de director da Casa da Moeda.

O sr. Aníbal Lúcio de Azevedo, tem sobre os seus ombros uma siadiciância que nunca mais chega a um resultado positivo, por razões que não esmiuçamos neste momento mas que não são difíceis de prever, os seus sindicantes demitem-se antes de chegarem a concluir.

A democracia é o crime das classes endinheiradas legalizado... O sr. Balta-

roubados quem está no presídio às ordens dos ladrões que encarceram e mantêm encarcerados os operários.

Porém a vingança dos ladrões não pode eternizar-se em detrimento da liberdade dos roubados. A violência não pode prolongar-se.

As portas do presídio da Trafaria tem de escancarar-se para sairem as dezenas de operários que há longo tempo tem sido molhadas em holocausto a um governo que só tem apetite, e tenazamente, odiar a classe operária, contrariando as suas nobres e legítimas aspirações.

A democracia converteu-se assim, na prostituta que vende corpo e alma às maiores corrupções. E' o único ideal da crápula, o império do ouro, o tritão do crime.

Podemos considerar os operários presos na Trafaria como vítimas das desonestidades políticas dum homem que dobra o joelho perante a sugestão demócrata do dinheiro das entidades colecionadas impróprio por força viva. Esse divórcio tornou-se mais profundo logo que o governo enveredou pelo caminho tortuoso das perseguições operárias. E' que hoje o proletariado possui uma consciência própria, vivendo à margem de todas as combinações políticas, detestando os proletariados que a exercem. E essa consciência faz com que ele se solidarize com todos os perseguidos e proteste contra

## REVULSIVOS

O doutor Brito Camacho  
—O descrença, o que tu urdes!  
Diz, no Jornal, o diacho  
Contra os milagres de Lourdes.  
Que razão lhe não noha.

Alura-se à Faculdade  
Iustice, de Medicina,  
Acostoso, por malda,  
De modo que desafio  
E muito ofende a verdade.

Deixa causa a isso uma tese  
Em Coimbra apresentada  
E que ainda que lhe pese  
E uma obra aceada,  
Por muito que ele a despreza.

De Lourdes á agua pura  
Foste o doutor ateu,  
Homem de má catadura,  
O condão que Deus lhe deu  
Contra as molestias que cura.

Mas, por Iora ou Ingerida,  
E' um remedio barato  
Essa agua inexcedida  
A que eu chamo é de facto,  
O elixir de longa vida.

José BENEDE?</

DOMINGO, 22

**OS DOIS**

Inauguração da época de verão  
com o dráma de Decourcelle

**O conflito telégrafo-postal****Breves considerações**

Disse este jornal e em tempo oportuno que se abstinha de tratar nas suas colunas, o conflito telégrafo postal. Tanto é que não é nossa intenção tratá-lo com a profundidade que ele requer, por também não nos parecer azado o momento, queremos apenas, bordar umas breves considerações que o estuda a que chegou no mundo sem parecer permitir.

Primeiro devemos afirmar, que, em nossa opinião o que contribui para a existência das causas que geraram este lamentável conflito—porque se deve lamentar—foi a heráquica divisão organizada do pessoal... Porque se não fôr isso, ainda que houvesse uma maior ou menor discordância de números, o tempo ou qualquer outra circunstância atida aos interesses da classe, a resolução a que se chegasse ainda que desgarrando a uma parte, mas porque não se canalizava por um só organismo, sempre se arrumaria sem coisa de maior.

Isto não sucedeu agora, isto que se deve poder tornar a dar-se, dar-se-há sempre enquistos todos os trabalhadores dos Correios e Telégrafos não constituiram orgânicamente uma só classe, como de facto o são. Todos devem ter notado através deste movimento, que presentemente e cada vez mais a solidariedade entre os individuos e as classes se impõe. O homem é um farrapo sem apoio deste ou daquele outro, as classes definham-se esteticamente, sem a solidariedade umas das outras.

Este fenômeno singular, iniciou-se quando a espécie saiu do individualismo bárbaro para a constituição das primeiras sociedades, tem acompanhado o desenvolvimento dos costumes e das necessidades que a humanidade se tem dado ao cuidado de criar, e hoje corresponde à multiplicidade de coisas que a vida exige.

Por isso, na nossa época, um indivíduo está económica e socialmente mais próximo doutro indivíduo, as sociedades mais próximas umas das outras e a humanidade é assim levada, a constituir uma só família em que o objectivo primordial é o encontro da felicidade comum, adquirido pelo trabalho útil equitativamente realizado.

Silva CAMPOS

Leiam amanhã o n.º 30  
do Suplemento literário de  
**A BATALHA**

**Sumário**

Hino ao Sol (com gravuras).

A Sociedade futura.

A beleza física da Mulher por Barros e Silva (com muitas gravuras).

O candidato do Partido Comunista Francês à Presidência da República (retrato de Camelinha). Bakounine por Nogueira de Brito (com retrato). Emilio Zolá por Ferreira de Castro (com retrato). O Naturismo e a Medicina oficial por Helios. Palestras sobre higiene pela médica D. Adelaide Cabette.

O que todos devem saber...

Chico, Zecas &amp; C. A.

Fotografia artística (Cliché de Antônio dos Santos)

**O JULGAMENTO**

de Antônio Nunes Canha

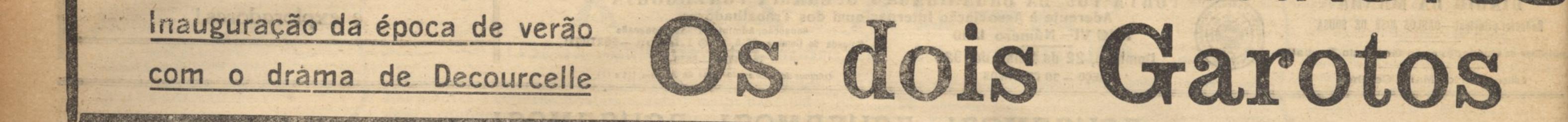
No 3º distrito criminal realiza-se amanhã, pelas 12 horas, o julgamento de Antônio Nunes Canha, operário que bastante se tem sacrificado pela causa dos oprimidos, mantendo sempre uma linha de conduta irrepreensível, denunciando um espírito educado no respeito pela própria individualidade e na defesa dos que sofrem a tirania do salário e a pressão moral da corrupção burguesa.

O seu delito consiste em ter, num momento de revolta e desespero, atentando contra a vida de Couto Viana, gerente e perseguidor dos operários da C. U. F.

Que as suas testemunhas de defesa não faltam a afirmar as nobres qualidades e o caráter íntegro de mais uma vítima da atmosfera de ódios criada pela fobia da classe capitalista a tudo quanto represente um pouco de evolução e liberdade.

LEIAM, PROPAGUEM:  
**A LIBERDADE**  
B. Lazare

550

Descontos aos revendedores  
e aos grupos de propaganda**TEATRO NACIONAL**DOMINGO, 22  
**GAROTOS****Os dois Garotos****O conflito telégrafo-postal****Breves considerações****As perseguições**

Sem culpa formada, as autoridades ainda conservam operários no presídio da Trafaria

No presídio da Trafaria continuam ainda detidos bastantes operários sem que razões alguma existam para tanto prolongada detenção. As acusações sobre elas pesam só as mesmas que levaram o ano passado Antônio Maria da Silva a conservá-las alguma meses em São João da Barra. Nada foi então provado contra elas, e após longo tempo de captividade foram restituídos à liberdade.

Subsistem agora as mesmas causas que como se verifica não são nemhuns.

O que se reconhece é o desejo de perseguir operários e a pretexto de infundadas acusações mantê-los na prisão.

Têm-se feito as necessárias investigações, mas todas elas são de resultados nulos.

Nada se tem apurado, porque

não há a apurar, pois nenhum crime

o atira para a Trafaria. No entanto

as prisões mantêm-se.

Tudo nos leva a crer que alguém ma-

neja aquelas que tem por dever dar a

liberdade a quem não tem culpas.

Diz-se, porém, que se procuram testemunhas falsas para os enviar aos tribunais.

Ora isto é uma infâmia que não pode

subsistir!

As autoridades não podem cercear a

liberdade seja de quem for por sim les-

prazos. E' seu dever restituir às suas

familias os operários detidos, provado

como é que elas não cometem de

lito algum.

As autoridades ou o governo não in-

demnizam esses operários do tempo

que os têm detidos. Se tivessem de os

indemnizar, como aliás era de tóda a

justiça, temos a certeza que já há muito

haviam sido postos em liberdade.

E essa liberdade impõe-se quanto a

entes que não ha o direito de manter

presas criaturas que não cometem

delito algum e estão na Trafaria por

simples capricho das autoridades ou do

governo; o que é um crime, ou para

satisfazer o desejo das chamadas forças

vivas, que final são as principais cau-

sadoras do estado desagrado a que

chegou o país.

Os trabalhadores reclamam justiça e

essa justiça é pôr em liberdade os ope-

rários que se encontram detidos no pre-

ídio da Trafaria.

Festa de solidariedade

E' hoje que, pelas 15 horas se realiza

na sede do Sindicato Único Metalúrgico

uma grandiosa festa em auxílio dos cam-

bras metalúrgicos que se encontram a

terros desta Democrática Repúblia.

Necessário se torna que todos os tra-

balhadores concordem com a sua coa-

pa que o auxílio só não seja esperar a

ésses camaradas.

Convidam-se por este meio os camara-

das possuidores de bilhetes, o favor de

prestarem contas na sede do sindi-

cato, das 11 horas em diante.

A APRENSÃO

DE

**"A Batalha"**

Em Coimbra

A Batalha continua a ser

apreendida

COIMBRA, 20.—Continua a apren-

são sistemática e odiosa do jornal do

povo trabalhador. A Batalha não pode

circular. Os esbirros farejam e apre-

endem-na. Como se vê, estamos em ver-

dadeiro regime de Liberdade... Os

agentes desse regime, que dizem ser

republicano democrático e ter sido im-

plantado em 5 de Outubro de 1910, di-

gnificam bem os seus principios basilia-

res... Mas porque é apreendida A Batalha?

Não se comprehende que circulando o

jornal em Lisboa, as autoridades tam-

ezelosas de Coimbra a não deixem cir-

cular aqui. Compreendemos!

A ordem de impedir a sua circulação

fria dada mas não levantada. Eis certamente o belo serviço do cabo de ordens,

que não fosse para raspa-pare-

sinos...

ROMA, 21.—A imprensa publica a

notícia da confissão de Doumíni, segun-

do o qual ele foi assassinado o deputado

socialista Matteotti, mas resolveu paralisar

o trabalho durante cinco minutos, na-

quê mesmo dia, como protesto contra o

assassinato do referido deputado.

O cadáver de Matteotti foi

queimado pelos assas-

sinos

ROMA, 21.—A imprensa publica a

notícia da confissão de Doumíni, segun-

do o qual ele foi assassinado o deputado

socialista Matteotti, com outros 4 cúmplices.

O criminoso declarou que Rossi, chefe

da Repartição da Imprensa que se

demitiu após o assassinato, Filippelli,

editor do jornal fascista «Corriere Itali-

ano», e Marinelli, tesoureiro do parti-

do fascista, foram instigadores do as-

assinato e que subsidiaram o atentado.

Matteotti declarou também que Mat-

teotti foi morto imediatamente depois

de ser raptado, enquanto era trans-

portado no automóvel, sendo o seu cá-

daver queimado para fazer desaparecer

todos os vestígios.

LEIAM, PROPAGUEM:

**A LIBERDADE**

B. Lazare

550

Descontos aos revendedores

e aos grupos de propaganda

Ler o Suplemento de A Batalha

A notícia da conclusão do raid Lisboa-

A BATALHA

NA ITÁLIA

A atitude da Liga dos Tra-

balhadores italianos

ROMA, 21.—

## A BATALHA

A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

## Contra as brutalidades tauromáquitas TEATROS &amp; CINEMAS

A Liga Nacional de Defesa dos Animais protesta contra as estúpidas e bárbaras imitações de touradas à espanhola

Foi há dias entregue ao ministro do interior, Sr. Sá Cardoso, um protesto da Liga Nacional de defesa dos animais contra as imitações, estúpidas e bárbaras das touradas à espanhola que ultimamente se têm feito com o concurso de alguns aficionados brutalizadores de touros.

Passamos a reproduzir integralmente o referido protesto:

Exmo. sr. ministro do interior—A Liga Nacional de Defesa dos Animais, legalmente constituída, vem, perante v. ex., no desempenho da honrosa missão que lhe compete, expôr o que, a propósito das duas últimas touradas realizadas na praça de touros do Campo Pequeno, se fôr e está projectado fazer no intuito insensato de procurar implantar no nosso país as fasces bárbaras como que tais espectáculos se apresentam no país vizinho, o que, de forma alguma a indele portuguesa e a opinião pública podem consentir que se implante.

As touradas são ainda os vestígios da incivilização a mancharem a cultura moral e humanitária dos povos que as consentem. Florescentes e contemporâneas de épocas da maior incultura e reacção elas não podem, evidentemente, existir hoje senão como reflexos lamentáveis da barbares e inconsciência.

Para honra do no so país elas têm sido toleradas em Portugal com uma feição menos bárbara e infame da que mancha, infelizmente, perante o mundo culto, a nossa vizinha Espanha, onde alias uma recente reacção, contra tão deploráveis espectáculos se está favoravelmente realizada.

Ultimamente, porém, por iniciativa dum minoria inconsciente, têm-se tentado desrespeitar as leis do país, e falsose o carácer com que tais espectáculos têm sido tolerados, e essa tentativa renasce agora com o pretexto de «inovação» à tourada à espanhola, que tem por fim procurar habitar a alma do povo aos desumanos espectáculos de sacrifício e sofrimento, desnecessário, de pobres animais, imolados aos interesses de qualquer empresa.

No penultimo domingo e na terça-feira seguinte, o povo que assistiu às touradas realizadas no Campo Pequeno, retrou desagradavelmente impressão com o que ali se passou sendo visível a indignação de muitos.

Os touros apresentaram-se sem sempre embora portuguesa, processo que evita e amortec o embate das hastas do touro contra cavalos que tomam parte na lide, quando com elas investem depois de insultado e ferido pelas agressões recebidas. Nas hastas apenas uma simpatia esfria de metal que não substitui o processo usual exigido.

O emprego das varas à espanhola

## A inauguração da época de verão no Nacional

Devido à montagem, que como se sabe é complicadíssima, só hoje é que este teatro inaugura a época de verão com o movimento melodrama «Os Dois Garotos» de Pedro Deconcelos, peça cujos cinco actos e oito quadros estão recheados de cenas emocionantes, tétricas, violentas e picardas e onde Ilda Stichin, Ester Leão e Maria Pia, tecem os principais papéis.

## Festas artísticas

São já avultados os pedidos de bilhetes para a récita que vai efectuar-se em São Carlos, em homenagem a atriz Lucília Simões. Nessa noite irá à cena, em premiére, a peça de João Correia de Oliveira e Francisco Lage, intitulada «A Verdade».

E sexta-feira, em São Carlos, a festa artística do distinto actor Henrique de Albuquerque, com a representação da peça de Ibsen «Casa de Boa-Nova».

## Reclamações

Também nos consta e os factos quase comprovam que tais espectáculos são o prelúdio de touros de morte que ali se procura levar a efeito de surpresa e que na tourada última estava anunciada que se realizava um dos toros escravados no pobre animal, decerto, por excesso o comprimento permitido, o fêz recoller cambaleando e jorrando sangue da arena.

Tais têm sido as agressões ali feitas a touros, que, somos informados que a maior parte delas sucedem dias depois por motivo de tais contusões.

Perante tais factos e espectáculos ainda possíveis no regime da república, que surgem pela ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

que surge com a ordem natural da evolução como órgão de progresso, cultura e civilização do povo, perante o contraste da propaganda feita nas escolas incutindo na criança o amor e respeito pela vida dos animais e consentimento de espetáculos públicos de tal natureza, que são a antítese dessa propaganda

22-6-1924

65 Mistérios do Povo

Nº 177

chefes da primitiva *Bagaudie*, suplicados há perto de duzentos anos num antigo castelo romano, perto de Paris, no conflente do Sena e do Marne, Aelien e Aman, ainda hoje são reputados mártires pelo povo daquelas regiões!

— Ah! a sorte deles é de invejar! Esses chefes de *Bagaudes*... serem ainda venerados pelo povo depois de decorridos duzentos anos! ouve, avô?

— Sim, ouço, e tua mãe também... Vê como tu a entristeces.

Mas o mau rapaz, como dizia a pobre mulher, entrando já em mente na *Bagaudie*, continuava, lançando olhares curiosos e abrasados para o bufarinhheiro.

— Já viu *Bagaudes*? eram numerosos? tinham atacado os franceses e os bispos? viu-os há muito tempo?

Há três semanas, quando me dirigia para aqui; atravessava eu o Anjou... Um dia tinha-me enganado no caminho de uma floresta, e anoteceu-me; depois de ter caminhado por muito tempo, longo tempo, perdendo-me cada vez mais na profundidade da floresta, avistei ao longe uma grande claridade que saía de uma caverna; dirijo-me para ali e encontro naquele covil uma centena de *Bagaudes* folgazões, conversando em roda da fogueira com as suas *Bagaudines*, porque estavam muitas vezes acompanhados de mulheres determinadas... Nas noites anteriores tinham, como de costume guerreado contra os senhores franceses, nossos conquistadores, atacando-lhes os *buros*, nome que aqueles bárbaros dão aos seus castelos, combatendo fúriosos, sem mercê nem piedade, saqueando as igrejas e os palácios episcopais, exigindo dinheiros aos sacerdotes, perseguindo e roubando os exatores do fisco real; mas dando generosamente aos pobres o que tomavam aos ricos prelados e aos condes franceses, a esses primeiros salteadores da Gália, libertando os escravos que encontravam acorrentados em rebanhos... Ah! por Aelien e Aman, patronos dos *Bagaudes*, é uma bela e alegre vida a desses folgazões e valorosos companheiros!... Se eu não tivesse de voltar à Bretanha

para ver pela última vez minha velha mãe, teria entrado um pouco com eles na *Bagaudie* pelo Anjou!

— E para ser admitido entre esses intrépidos, que é mister fazer?

— E' mister, meu valente rapaz, fazer antecipadamente o sacrifício da pele, ser robusto, ágil, corajoso, amar os pobres, jurar ódio aos condes e aos bispos franceses, esconder-se de dia e guerrear de noite.

— E onde tem os seus esconderijos?

— Pergunta aos pássaros onde se afixam, ou aos animais onde se acostumam? Ontem na montanha; amanhã nos bosques; ora andando dez léguas numa noite, ora permanecendo oito dias no seu esconderijo, o *Bagauda* ignora hoje onde estará amanhã...

— E então um feliz acaso encontrá-los?

— Feliz acaso para a boa gente, mau acaso para o conde, para o bispo, ou para o recebedor do fisco real?

— E foi no Anjou que encontrou essa *Bagaudie*?

— Sim, foi no Anjou..., numa floresta, na distância de oito léguas de Angers, para onde eu me dirigi...

— Não veem Karadeuk, meu predilecto?... Reparem nêle..., que olhos brilhantes, que faces rubicundas: se esta noite não sonha com as pequenas *Korrigans*, pelo menos sonhará com a *Bagaudie*; não é verdade, meu rapaz?

— Avô, eu digo que os bretões e os *Bagaudes* virão a ser os últimos gauleses... Se eu não fosse bretão, desejaría entrar na *Bagaudie* contra os franceses e contra os bispos...

— E eu sou de parecer que tu vais entrar na cama e deitar a cabeça no travesseiro; desejo-te que sonhes com a *Bagaudie*, meu predilecto... Vai deitar-te, já é tarde, e estas a aflijar sem precisão tua pobre mãe.

— Há três dias que interrompi esta história. Escrevi-a no fim do dia em que o bufarinhheiro, depois que passou a noite em nossa casa, tinha continuado o seu caminho. Quando partiu de madrugada, a

tempestade havia abrandado. Eu disse a Madalén, mostrando-lhe o viajante que já ia longe e que no cotovelo da estrada nos acenava pela última vez:

— Então, pobre louca, pobre mãe aflita, com que então os deuses encollerizados castigaram Karadeuk, meu predilecto, por ter querido encontrar as *Korrigans*? Onde está a desgraça que aquele estrangeiro devia trazer a nossa casa?... A tempestade, serenou, o céo está limpo, vejo o mar tranquilo e azulado... Por que razão tens ainda a fronte enrugada? Ontem, Madalén, dizias tu: «O dia de amanhã pertence a Deus!» Estamos no dia imediato ao de ontem, que sucede?

— Tens razão, bom pai... os meus pressentimentos enganaram-me: todavia, estou pesarosa, e continuo a lastimar que meu filho tenha falado das *Korrigans*.

— Olha, aí está o nosso Karadeuk com o seu saibro atrelado, de sacola ao ombro, com o arco na mão e as flechas ao lado; como está belo! como está belo!

— Onde vais, meu filho?

— Minha mãe disse-me ontem: Há dois dias que não temos caça... O tempo é favorável, vou matar um galo na floresta de Karnak; como a caçada talvez seja demorada, levo provisões na sacola.

— Não, Karadeuk, tu não vais hoje à caça; não, não quero...

— E porquê, minha mãe?

— Que sei eu?... Podes perder-te, ou cair em alguma lagôa na floresta...

— Descance, minha mãe, eu conheço as lagôas e todas as veredas da floresta.

— Não, não; tu não vais hoje à caça.

— Bom avô, interceda por mim...

— Com a melhor vontade; porque tenho apetite de comer um quarto de caça; mas promete-me, meu neto, que não hásde ir para o lado das fontes onde se podem encontrar as *Korrigans*...

— Juro-te que não, avô!

— Vamos, Madalén, deixa o meu hábil bêteiro partir para a caça, não me recuses isto...; juro-te que ele nunca mais pensará nas pequenas fadas...

— Pois quere, meu paiz que seja assim absolutamente?

— Peço-te isso; ele parece tão pesaroso!

— Seja como deseja... ai de mim, é bem contravontade...

— Dá-me um beijo, minha mãe...

— Não, mau rapaz, deixa-me...

— Peço-lhe que me dê um beijo, minha boa mãe...

— Madalén, vê aquela lágrima que lhe deslisa pelas faces... Terás o ânimo de não o beijar?

— Aqui tens, querido filhov... Parte, mas volta depressa...

— Mais um beijo, minha boa mãe... e adeus...

Karadeuk partiu limpando os olhos; duas ou três vezes voltou a cabeça para olhar para a mãe... e desapareceu... Decorre o dia, o meu predilecto não voltou: a caçada te-lo havia desviado para longe, a noite o trará... Continuo a escrever esta narração que a dor interrompeu. O dia terminava; de repente entraram meu quarto gritando:

— Meu paiz! meu paiz! uma grande desgraça!

— Ai de mim! ai de mim! meu paiz... bem dizia eu que as *Korrigans* e o estrangeiro seriam funestos a meu filho Karadeuk...

— Que tens, Madalén? que tens tu, Jocelin? porque motivo essa palidez? porque razão essas lágrimas? que aconteceu ao meu Karadeuk?

— Leia, meu paiz, leia este pequeno pergaminho, que Yvo o rachador acaba de me trazer...

— Ah! maldito! maldito seja o butarinheiro com a *Bagaudie*; ele enfeitiçou o meu pobre filho... As *Korrigans* são a causa de todo o mal...

— Eu, enquanto meu filho e sua mulher se lastimavam, li o que se segue, escrito pelo próprio punho de meu neto:

«Meu bom paiz e minha boa mãe, quando lerem isto, eu, seu filho Karadeuk, já estarei longe de nossa casa... Disse a Yvo o rachador, a quem encontrei esta manhã, que não lhes entregasse este pergaminho senão

## Fatos completos

**CHAVES DO CONDE BARÃO**  
A vestir, para homem, em boas fazendas de lá, com bons forros, desde  
**145\$00**  
Calças desde **39\$00**  
Grande sortido de fatos feitos e por medida a preços de combate

Setim para forros Grande sortido em preto e cōres desde **17\$00**

**Chaves do Conde Barão**  
170, RUA DA BOA VISTA, 172

Tudo mais barato

**Joalharia, ourivesaria e relojoaria**

DE  
**MIGUEL & J. A. FRAGA**  
26, RUA DA PALMA, 28

Grande sortimento de moogramas para carteiras  
Executam-se todos os fac-símiles

Temos sempre objectos em 2.ª mão que vendemos baratinhos

Não comprem sem visitar esta casa

Tudo mais barato

**Valério, Lopes & Ferreira, L.º**  
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, garnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferreria, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fone, 3930, N.º gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

**Anémicos**  
Para debelar rápidamente a anemia basta tomar um a dois frascos de

**FERRUGINOSE UNITAS** de efeitos rápidos e seguros

Nas boas farmácias e no depósito

RUA DE SANTA JUSTA, 61, 2.º -- LISBOA

**Portas Onduladas**

**METÁLICAS**

FABRICAM-SE com solidões. Peçam amostras e orçamentos, com todos os maquinismos privilegiados. Vendem-se todos os materiais avulso, assim como: calha, chapa mola, fita, tambores, etc.

Rua da Emenda, 114 -- Telefone 2.316-C.

## Alianca

### AS MELHORES MARCAS DE:

FABRICAS EM:  
**LISBOA**  
E  
**PORTO**  
Bolachas Biscoitos Chocolates Confeitoria Rebuçados Açúcar Massas São as da Sociedade Industrial ALIANCA

### LER AMANHÃ O SUPLEMENTO LITERARIO DE A BATALHA

#### Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapecoleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclados em cōres lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

#### GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

#### ESTABELECIMENTOS

Séde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33.

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marcués de Alegre 1, 56. 58

#### Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jauré (Exclusive)

CURSO DE CHAPEUROS

Colchões de arame H. BONO

R. Diário de Notícias, 75

(ao lado da antiga Farmácia Jára)

Curse-se por meio de planas, assim como todas as doçuras de pele e as que deram de cunha, de forma oval, que não prejudica o organismo. É o melhor tratamento e o mais económico. Pacote 35\$ pelo correio 400-6 pacotes 19\$00. Oficina depositária em Lisboa F. Costa, Rua Marques da Silva, 53, r/c. Dt.º (Atm. Ribeiro).

Intendente-Lisboa

Intendente-Lisboa